

Psicanálise à brasileira: A questão da Formação sob uma Perspectiva Decolonial

Brazilian Psychoanalysis: The Question of Psychoanalytic Training from a Decolonial Perspective

STÉPHANIE ALVES FURTADO

RESUMO:

A pesquisa tem como objetivo estabelecer tensionamentos entre os dispositivos de formação propostos por Lacan e disciplinas acessórias como as práticas pedagógicas de Paulo Freire e os ensinamentos indígenas ressaltados por Pávon-Cuellar. Com intuito de fomentar um debate argumentativo, realiza-se um entrecruzamento de diagnósticos cruciais no campo da psicanálise brasileira, a saber: o problema da descontextualização, o problema do ensino-formação e a prática da inventividade. O entrecruzamento desses interrogantes se dá à maneira de encruzilhadas teóricas, prática decolonial proposta por Luiz Antônio Simas, e visa inflamar debates sob a perspectiva do “encantamento”, de forma a não só transpor a discussão para o solo e língua brasileira, como salientar o potencial criativo de transformação do campo.

PALAVRAS-CHAVE: formação – decolonialidade – inventividade – encruzilhadas teóricas – psicanalistas.

ABSTRACT:

The research aims to establish tensions between the training devices proposed by Lacan and auxiliary disciplines such as Paulo Freire’s pedagogical practices and the Indigenous teachings highlighted by Pávon-Cuellar. In order to foster an argumentative debate, it brings together crucial diagnoses in the field of Brazilian psychoanalysis, namely: the problem of decontextualization, the problem of teaching-training, and the practice of inventiveness. The crossing of these questions takes place in the manner of theoretical crossroads, a decolonial practice proposed by Luiz Antônio Simas, and aims to ignite debates from the perspective of “enchantment,” not only by transposing the discussion onto Brazilian soil and into the Brazilian language, but also by emphasizing the creative potential for transforming the field.

KEYWORDS: training – decoloniality – inventiveness – theoretical crossroads – psychoanalysts.

Introdução:

A presente pesquisa foi disparada pela identificação de pelo menos três problemas cruciais que, a meu ver, atravessam a formação dos analistas. Mostrou-se ainda uma questão urgente e pertinente diante os últimos acontecimentos no Brasil, em que verificamos instituições de ensino pleiteando respaldo estatal para a instauração de uma graduação em psicanálise, inclusive pelo formato EAD. É tangível que a formação dos psicanalistas se torne um campo de disputas, diante do crescente interesse mercadológico, como também parece amparada pelo fato de que os critérios estabelecidos para a formação, que seria o princípio básico para se estabelecer alguma regulação, não são consenso entre

os próprios analistas e quando muito, tal como acontece com a teoria, retomam o discurso de seu fundador – sem a implementação de novos saberes.

O método utilizado para pensar e dar corpo à questão envolve uma prática decolonial, tal como proposta por Luiz Antônio Simas, nomeada como encruzilhada teórica. O posicionamento das articulações parte do princípio que:

A condição do oprimido é estar submetido pelas solas das botinas dos opressores. A encruzilhada é o tempo e o espaço entendidos e praticados para que esses inéditos viáveis saltem, reposicionando a condição e a capacidade de inscrever uma outra resposta.¹

Dessa forma, a pesquisa visa a possibilidade de que ao cruzar interrogantes como o problema da descontextualização, o problema do ensino-formação e o problema da ausência de inventividade, saltem ao centro da problemática um inédito viável – no sentido freireano em que, embora inédita, haja uma solução dialógica possível de ser realizada.

1. O problema da descontextualização

A psicanálise deve necessariamente reconhecer sua relação com a alteridade que a funda, tal que a sua prática no Brasil é em sua tradição: eurocentrada, branca, capitalista e heteropatriarcal – e portanto, tradicionalmente descontextualizada do território brasileiro. O movimento decolonial busca reconhecer incrustados em nossa práxis, marcadores históricos classicistas, sexistas, racistas e colonialistas. Não estando a psicanálise, nem os psicanalistas apartados dessa relação, menos ainda os encontram os aspectos formativos. De modo que as contradições encontradas na teoria, clínica e formação psicanalítica são as mesmas da estrutura historicamente determinada nas quais se insere a prática da psicanálise e ao não analisarmos as estruturas de poder em que a formação dos psicanalistas estão submetidas, corremos o risco de repeti-las incansavelmente.

De acordo com Parker e Cuellar,² não podemos pensar em uma psicanálise pura, as elaborações teóricas do campo psicanalítico refletem as forças ideológicas do contexto em que foram forjadas. Sendo necessário um constante processo dialético entre clínica e teoria a fim de realizar uma depuração dos conceitos, processo sempre inconcluso por se posicionar como uma resistência contra a psicologização do campo e as influências das ideologias em curso.

¹ Rufino, L. (2021). *Vence-demanda: educação e descolonização*. Rio de Janeiro: Mórula, p. 46.

² Parker, I., & Pavón-Cuellar, D. (2022). *Psicanálise e revolução: psicologia crítica para movimentos de liberação*. São Paulo: Autêntica.

Na tentativa de depuração das contradições que atravessam a formação dos psicanalistas, abordarei o problema da descontextualização pelo que é possível apontar de seus efeitos: negação e apagamento epistêmicos de teorias e campos do saber que não sejam euro-orientados, como também a manutenção de uma inércia teórica no que tange às possibilidades e tentativas de compreender as subjetividades de nossa época – sintoma já diagnosticado por Lacan desde 1956.

As lacunas teóricas não são uma novidade no campo psicanalítico, podendo ser interpretadas como o próprio método lacaniano de releitura dos textos de Freud, ou, como proposto pelo PIC de APOLa, onde se inserem as possibilidades de avanço técnico e científico. Lacan aponta no ato de fundação – que o entorpecimento do pensar por parte dos psicanalistas, ainda que se sintam falhando, corresponderia ao seu próprio desvio, a saber na formação:

Que os psicanalistas estejam impossibilitados de julgar os males em que se banham, mas que se sintam falhando, já basta para explicar que respondam a isso com um enquistamento do pensar. [...] Assim, a psicanálise fica por demais à espera, e os psicanalistas, em posição por demais instável para que se possa desatar a suspensão em outro lugar que não no próprio ponto em que eles se desviaram: a saber, na formação do psicanalista.³

A psicanálise sempre se constituiu em caráter extraterritorial, tanto Freud quanto Lacan propuseram diálogos com outros campos epistemológicos a fim de garantir o espírito investigador e científico da psicanálise. Logo, não seria espantoso se, no movimento de reapropriação da psicanálise, buscássemos referências mais próximas e tangíveis a uma realidade brasileira. Por coerência interna, a própria maneira como a psicanálise se constituiu, não encontramos qualquer resposta que justifique essa posição – de maneira que aqui também podemos encontrar uma relação sintomática em que o que é produzido no Brasil e de modo geral – na América Latina – não se inscreve na experiência da psicanálise brasileira, ao menos não sem certa resistência.

Nesse sentido, não poderíamos apontar a negação de epistemologias outras que não brancas como uma lacuna no campo psicanalítico? Inclusive no que tange às pedagogias e filosofias que nos proporcionariam avaliar suas lacunas e fundamentar as propostas de formação. O epistemicídio, em consequência das políticas coloniais, faz parte do conjunto de práticas e mecanismos que sustentam a lógica do colonizador – tendo como resultado uma repartição binária em que há a imposição do homem/branco/cisgênero como detentor do saber, e qualquer corpo fora dessa classificação, terá seus saberes menosprezados ou excluídos do sistema de valor.

³ Lacan, J. (1964). “Ato de Fundação”. Em *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 244.

Em decorrência dessa exclusão epistemológica, o que encontramos é uma homogeneização cultural, na qual a experiência humana fica reduzida às determinações exclusivas de certas categorias, como abordado anteriormente – categorias absurdamente insuficientes para atender aos interesses e exigências de uma sociedade tão diversa quanto a brasileira. Esse movimento de violência epistemológica também resulta em um enquistamento teórico, pois impede que um conjunto heterogêneo de discursos e saberes possa se produzir e avançar em diversas direções, respondendo a interesses intelectuais de distintas categorias.

Salvo valiosos esforços em territorializar nosso campo, majoritariamente ainda são tomados como fonte primordial do conhecimento autores europeus de difícil acesso, cujas obras por muitas vezes se encontram exclusivamente em língua estrangeira. Em consequência, o que encontramos na prática é a manutenção de um ocultismo didático, que por atravancar o avanço do conhecimento, somente poderia servir a manutenção em série da posição das suficiências em toda sua composição imaginária.

A hierarquização de saberes, com suposta superioridade do conhecimento colonial serve como uma luva aos planos de dependência epistemológica e manutenção do colonialismo. No que tange o acesso e produção ao conhecimento, a necropolítica aqui tem como função selecionar os corpos que têm acesso às instituições, autores, teorias e discussões, seleciona quem de direito poderia tornar-se um psicanalista. Há uma reprodução no ensino e formação da lógica brutalista e excludente do colonizador, que define o regime de valor e acesso na cultura. Sendo o homem branco, rico, cisgênero, europeu e heterossexual aquele que possuiria, por plenos direitos, a posição do ser-saber-poder.⁴

2. O problema do ensino e formação

Neste tópico, busco somar esforços às vozes de outros autores que, por reconhecerem que a mudança necessária não poderia permanecer encarregada ao acaso, se debruçaram sobre a problemática da formação em uma ação elucidativa e transformadora. Me situo na roda com o questionamento: qual seria um embasamento teórico possível para pensarmos o ensino e formação de psicanalistas no Brasil?

No diagnóstico de Mezza,⁵ é apontado um significante como aquele correspondente ao desejo de Freud – para além da existência do “comitê dos Sete”, sua pertinência poderia também ser destacada pela escolha do termo “controle” no que tange às supervisões, escancarando, para quem saiba o ler, os interesses freudianos de manutenção da teoria tal como ele formulava.

⁴ Araújo, F. (2025). “Do caráter subversivo da psicanálise: considerações lacanianas frente aos problemas de um território colonizado”. *Revista O Rei Está Nu*, ano 5, n. 5.

⁵ Mezza, M. (2022). “O ultrapassado em Freud (parte 1): a formação, a escola”. *Revista O Rei Está Nu*, ano 2, n. 2.

Mezza⁶ trabalha sob a perspectiva de que a substituição do espírito científico do psicanalista pelo caráter ocultista e religioso que impera na comunidade analítica seja resultado de uma verdade histórica em que o valor da enunciação tem os efeitos de não só negar enunciado como estabelecer relações de causalidade. Embora o enunciado fosse da ordem de um desejo científico, através do qual a psicanálise sobrevivesse apesar do tempo – a tentativa de evitar com que a psicanálise se desviasse de seu sentido original, no entanto, mostra-se como uma ausência do aspecto criativo, indispensável para o avanço teórico.

Análoga a proposta de leitura dos significantes que causam sintomas no sentido de atravancar o desenvolvimento da psicanálise, gostaria de propor outro significante para pensarmos os impasses da formação: o significante da colonialidade e o desejo de opressão. Segundo Parker & Cuellar, podemos apontar como, embora paradoxal, desejar a opressão seja uma das características mais dolorosas presentes na subjetividade dos oprimidos⁷ – fato que pode ser contemplado na consistência imaginária atingida em algumas concepções da formação: parecer com o mestre, falar como o mestre, agir como o mestre...

Por sua vez, o trabalho realizado por Flávia Dutra⁸ aponta como a formação em psicanálise se situaria do lado de uma formalização teórica, na qual o pensamento é necessariamente crítico. Ao passo que a ideia de transmissão, tomada como processo formativo revelaria um impasse – a posição passiva dos psicanalistas diante do saber e por conseguinte, a produção de “psicanalistas em série”.

Tal como proposto por Freire,⁹ a transmissão se situaria nos moldes da educação bancária, antidialógica por natureza – uma vez que o conteúdo programático é apenas “depositado” nos educandos, sem a sua participação na escolha dos temas. Por sua vez, podemos pensar a formalização, como estratégia de formação, do lado de uma educação libertadora. A prática é libertadora desde que um educador possa mediar o acesso a um conhecimento, de forma que leve em consideração o contexto dos educandos e instigue a curiosidade em direção a um pensamento cada vez mais crítico.

A prática libertária que se trata não é a liberdade tomada na falácia individualista do capital, mas refere-se ao exercício de liberação em que o sujeito torna-se capaz de se reconhecer como agente e vítima da história. A assunção desse reconhecimento só é possível num processo dialógico. No contexto da formação em psicanálise, penso que a liberação em questão se inicie com o movimento de evidenciar os desejos de opressão, de modo a reconhecê-los quando irrompem e atravancam a práxis psicanalítica.

⁶ Ibidem.

⁷ Parker, I., & Pavón-Cuellar, D. (2022). *Psicanálise e revolução: psicologia crítica para movimentos de liberação*. São Paulo: Autêntica.

⁸ Dutra, F. (2021). “A formação em psicanálise”. *Revista O Rei Está Nu*, ano 1, n. 1.

⁹ Freire, P. (2021). *Pedagogia do oprimido* (77ª ed.). São Paulo: Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1970).

Um outro aspecto abordado tanto por Flávia Dutra quanto por Martin Mezza, tange a hierarquização da psicanálise. O fato de Lacan ter dissolvido a própria escola, assumindo seu fracasso, é um sinal proeminente de que suas proposições para o futuro da psicanálise não surtiram o efeito necessário.

3. O problema da ausência de inventividade

É notável a frequência com que psicanalistas, ao falar de seu processo de formação, em uma tentativa de elaboração poética, acabam por denunciar os seus efeitos ao denominar o processo como deformação. Paralelamente, tomo o diagnóstico de um rechaço à intelectualidade como a posição de um sujeito sob efeito significativo, logo não se refere a uma condição necessária, mas se qualifica como um produto histórico dentro da práxis psicanalítica, deformação passível de ser contraposta.

Segundo Lacan, “o erro teórico que apontamos na doutrina coloca-nos na falha do ensino, que lhe corresponde reciprocamente”.¹⁰ De forma que podemos admitir em seu diagnóstico uma correspondência entre os problemas teóricos e de transmissão da psicanálise.

A solução dada por Lacan para reavivar o espírito científico dos psicanalistas se concentrava na circularidade dos membros e no dispositivo do passe analítico – em sua concepção o passe seria um artifício para que os psicanalistas fossem forçados à reinventar a psicanálise. Uma vez que deveriam elaborar teoricamente acerca de suas próprias análises, destacando o ato analítico em seu exercício.

Tensionando as propostas lacanianas para a formação, com as pedagogias brasileiras, arrisco aqui, preliminarmente, em apontar pelo menos três pontos em que as propostas parecem desviar-se de suas metas, investigações que ainda estão em andamento.

3.1. A crítica pela crítica: uma proposta desvinculada de sua práxis

É possível rastrear como durante todo seu ensino Lacan manteve-se um crítico ferrenho das produções do campo psicanalítico, não resguardando nem mesmo seus discípulos de suas investidas. O pensamento crítico é válido, contudo, numa perspectiva de formação, ensinar não exige apenas criticidade, como também respeito pelos saberes dos educandos, sob a pena de que o desrespeito ou a negação desses saberes implique num sentimento de desvalia por parte dos educandos.¹¹ Ainda segundo Paulo Freire, ensinar exige um compromisso ético, que se revela na aceitação do novo em detrimento da rejeição de qualquer forma de discriminação. Ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo – uma práxis que procure a dupla confirmação do lugar daquele que enuncia em correspondência com seu enunciado.

¹⁰ Lacan, J. (1956). “Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956”. Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 472.

¹¹ Freire, P. (2003). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isso, terminam por se convencer de sua “incapacidade”. Falam de si como os que não sabem e do “doutor” como o que sabe e a quem devem escutar. Os critérios de saber que lhe são impostos são os convencionais.¹²

A leitura freireana é de que o ato de ensinar exige um compromisso ético, que se revela na aceitação do novo em detrimento da rejeição de qualquer forma de discriminação. Ensinar exige corporeificação das palavras pelo exemplo – uma práxis que procure a dupla confirmação do lugar daquele que enuncia em correspondência com seu enunciado.

Dessa forma, podemos pensar a transmissão como a correspondência entre uma postura crítica e a adequação a um método necessário para a realização de um ofício. Não se enrijece com relação ao estilo, mas é preciso que, para exercê-lo, as bases estejam bem fundamentadas em um rigor metodológico: Como realizar uma pesquisa? Por onde começar? Como fazer uma escrita acadêmica? E uma transmissão oral? – saber-fazer aqui relacionado aos conhecimentos e atividade daqueles que adquiriram experiência com a prática psicanalítica, e que portanto, não poderiam se isentar dessa transmissibilidade. O visado aqui seria uma substituição da hierarquização pela valorização de uma certa hereditariedade, em que os conhecimentos adquiridos pela experiência não são negados, mas associados a uma posição de responsabilidade no que tange a continuidade do fazer analítico por seus detentores.

3.2. Substituir a hierarquização mantendo a segregação

Lacan (1967), visando impedir a hierarquização e os *gradus* de suficiência em sua escola, indica a separação de duas categorias de analistas: os AME (Analistas Membros da Escola) – simplesmente aqueles analistas cuja capacidade fora supostamente comprovada pela Escola e os AE (Analistas da Escola), aos que seriam salvaguardados os direitos de dar testemunho sobre os problemas cruciais da psicanálise – ainda que a participação nessa categoria tivesse como critério o livre arbítrio, ou seja a solicitação por parte dos próprios analistas, a eles era exigido o testemunho do passe.

A segregação aqui, contudo, ganha notoriedade no que diz respeito à questão: quem poderia falar sobre os problemas cruciais da psicanálise? Ao manter como exclusiva a posição crítica dos AE, o que se afirma é que supostamente seus conhecimentos/aportes seriam mais valorosos e interessantes do que de outros. É viva aqui a concepção imaginária de que ao “passe”, ainda que sustentado por

¹² Idem. (2021). *Pedagogia do oprimido* (77ª ed.). São Paulo: Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1970), p. 69.

uma ritualização, pudesse corresponder a algum tipo de autorização da palavra – como um “passe” de mágica no sentido da transmissão do saber.

Aqui, também ousa salientar um fenômeno apontado por Paulo Freire, no qual, a realidade opressora seria capaz de “capturar” os oprimidos na figura do opressor, a ponto de levar a segundo plano a luta necessária que antes parecia tangível em suas realidades¹³. O que se observa na questão dos psicanalistas é a mesma relação, em que o movimento de reflexão sobre a questão da formação e autorização, outrora tão angustiante nos anos iniciais, é facilmente esquecida uma vez em que há o reconhecimento dos pares.

[...] a realidade opressora, ao constituir-se como um quase mecanismo de absorção dos que nela se encontram funciona como uma força de imersão das consciências. Neste sentido, em si mesma, esta realidade é funcionalmente domesticadora. Libertar-se de sua força exige, indiscutivelmente, a emersão dela, a volta sobre ela. É por isso que só através da práxis autêntica que, não sendo “blá-blá-blá”, nem ativismo, mas ação e reflexão, é possível fazê-lo.¹⁴

Ademais, num esforço de encantamento, ao tomar o campo psicanalítico como uma comunidade, poderíamos tensioná-lo com os critérios de educação comunitária, prática indígena analisada por Pávon-Cuellar. Neste modelo, temos que seria de responsabilidade da própria comunidade a inserção de novos membros. Num sentido comunitarista, o êxito individual tem pouco valor quando não é capaz de integrar em seu campo de atuação os problemas da comunidade, como um todo.¹⁵ Dessa forma, seria de interesse da própria comunidade psicanalítica uma integração progressiva e permanente de novos analistas em seu campo – ao contrário, o que observamos é que o êxito individual assume a posição da suficiência, ao passo que a integração dos novos praticantes recai sob uma lógica individualista e meritocrática: cada um por si e salve-se quem puder!

3.3. Dos pré-conceitos temáticos

Pré-estabelecimento de três grupos temáticos com rotatividade entre os membros – com o intuito de fomentar a produção do saber.

Um ponto passível de crítica é a delimitação própria dos grupos temáticos nos quais a inventividade poderia ocorrer. Segundo Freire, o tema gerador só pode ser concebido na interação dialógica entre educador-educando,¹⁶ ou seja, transpondo para a prática psicanalítica, poderíamos pensar que o tema

¹³ Ibidem.

¹⁴ Ibidem, p.5.

¹⁵ Pavón-Cuellar, D. (2022). *Além da psicologia indígena: concepções mesoamericanas de subjetividade*. São Paulo: Perspectiva.

¹⁶ Freire, P. (2021). *Pedagogia do oprimido* (77ª ed.). São Paulo: Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1970).

gerador só pudesse surgir da relação dialógica entre analista-didata e analisando-formando. Neste ponto, os termos são importantes para enfatizar que tal como analista-analisando, fazem a composição de um par em que se define reciprocamente, também a dupla analista-didata e analisando-formando só pode ser definida pela relação entre os seus componentes, na qual defendemos que haja formação dos dois lados da equação.

Ademais, a circularidade seria responsável pela inscrição de outros saberes no movimento de atualizar a reflexão sobre o que passou, prática que promove um constante aventamento de suas bases conceituais.¹⁷ Logo, não necessariamente a rotatividade de pessoas faz cumprir a função da circularidade, o que é necessário circular são os conhecimentos, por mais diversas que sejam suas existências e bases epistêmicas – prática encontrada desde a origem da psicanálise mediante os grupos de estudo esotéricos aos quais participava Freud.

Considerações finais:

Finalizo minhas contribuições com uma citação de Luiz Rufino e um desejo de que essa pesquisa possa somar nas discussões e que cada par analista-analisando forme um compromisso de transformação, indissociado da ética e prática política: “A encruzilhada é o caminho eleito, é irreduzível, há algo lá que não reconhece a derrota diante dos esforços coloniais, sejam os de agora ou de outrora. O vencer ou ser vencido não está em ‘xeque’, a dinâmica do jogo, por mais que não pareça, é outra”.¹⁸

¹⁷ Ferreira, T. (2021). *Pedagogia da circularidade: ensinagens de terreiro*. Rio de Janeiro: Telha. Coleção Pensamento Negro Contemporâneo.

¹⁸ Rufino, L. (2019). *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula. p.39.

BIBLIOGRAFIA:

1. Araújo, F. (2025). “Do caráter subversivo da psicanálise: considerações lacanianas frente aos problemas de um território colonizado”. *Revista O Rei Está Nu*, ano 5, n. 5.
2. Dutra, F. (2021). “A formação em psicanálise”. *Revista O Rei Está Nu*, ano 1, n. 1.
3. Ferreira, T. (2021). *Pedagogia da circularidade: ensinagens de terreiro*. Rio de Janeiro: Telha. Coleção Pensamento Negro Contemporâneo.
4. Freire, P. (2003). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
5. Freire, P. (2021). *Pedagogia do oprimido* (77ª ed.). São Paulo: Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1970).
6. Lacan, J. (1956). “Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956”. Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
7. Lacan, J. (1964). “Ato de Fundação”. Em *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
8. Lacan, J. (1967). “Proposição de 9 de outubro de 1967”. Em *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
9. Lacan, J. (1980). “Carta de dissolução”. Em *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
10. Mezza, M. (2022). “O ultrapassado em Freud (parte 1): a formação, a escola”. *Revista O Rei Está Nu*, ano 2, n. 2.
11. Parker, I., & Pavón-Cuéllar, D. (2022). *Psicanálise e revolução: psicologia crítica para movimentos de liberação*. São Paulo: Autêntica.
12. Pavón-Cuéllar, D. (2022). *Além da psicologia indígena: concepções mesoamericanas de subjetividade*. São Paulo: Perspectiva.
13. Rufino, L. (2019). *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula.
14. Rufino, L. (2021). *Vence-demanda: educação e descolonização*. Rio de Janeiro: Mórula.

STÉPHANIE ALVES FURTADO

Psicóloga Clínica pela UFSJ. Psicanalista. Pesquisadora em APOLa Brasília.

E-mail: steafurtado@gmail.com